

HISTÓRIAS E LENDAS AMAZÔNICAS

13 – JURUPARI



É um personagem mitológico dos povos indígenas da América do Sul. O povo Mawé retrata Jurupari não apenas como um demônio, mas o próprio Mal, aquele que deu origem à outros demônios (como os Ahiagã ou os Mapinguari).

Há muitas lendas sobre este personagem que o mostram tanto como um legislador como um demônio.

Conta-se que a índia Ceuci, de origem Tenuiana, comeu o mapati, uma fruta que era proibida às mulheres quando se encontravam no período fértil. O suco da fruta escorreu pelo seu corpo até suas partes íntimas e assim, foi concebido um menino. Como punição, a índia foi expulsa da aldeia. Em realidade, o pai da criança era o próprio Sol, conhecido entre os indígenas como Guaraci.

Longe de sua aldeia, Ceuci deu a luz à seu filho Jurupari, "o filho do sol". Jurupari foi enviado a terra pelo próprio sol para que pudesse reformar os costumes da terra e também encontrar a mulher perfeita para que ele pudesse se casar.

Quando chegou a hora do nascimento, seu filho revelou ser uma criatura sábia que viria ao mundo trazer novos costumes e leis para os homens. Por isso, Jurupari é tido como um legislador entre alguns povos indígenas. Outra versão afirma que Jurupari era o demônio que visitava os índios quando estes estavam dormindo. Jurupari, então, lhe provocava pesadelos e impedia que suas vítimas gritassem por socorro.

Há tribos que usam o mito de Jurupari para rituais de iniciação masculina. É o caso da etnia Dessana que pratica o "Ritual do Jurupari". Este consiste em tocar um instrumento de sopro confeccionado com tronco de *paxiúba*, uma palmeira amazônica que produz um som cheio e grave. A cerimônia é um ritual de agradecimento à natureza pela abundância de pesca.

Igualmente, se louva a sabedoria dos espíritos ancestrais, que estão presentes através do material com que é confeccionado o Jurupari. Neste ritual, está proibida a participação das mulheres. O vocábulo Jurupari vem do tupi antigo, mas o significado varia de acordo com o grupo linguístico dos indígenas. Desta maneira, Jurupari poderia ser "*boca; tirar da boca*" como "*aquele que vem a nossa rede*" em referência aos pesadelos que provocava.

Com apenas sete dias de vida, Jurupari já aparentava ter 10 anos, e sua sabedoria atraiu a atenção de todos, que passaram a ouvir suas palavras e ensinamentos de novos costumes, que colocavam um fim na sociedade matriarcal e instituíam o patriarcado. Jurupari instituiu grandes festas cerimoniais, as quais somente os homens podiam tomar parte, e onde ele aproveitava para passar seus ensinamentos. Isso acabou afastando-o de sua mãe.

Inconformada com essas novas leis e também com saudades de seu filho, Ceuci resolveu uma noite ir espiar o cerimonial dos homens, uma infração que era punida com pena de morte.

Furtivamente, ela entrou no território onde os homens estavam reunidos, mas antes do término do cerimonial, Ceuci foi fulminada por um raio enviado por Tupã. Jurupari foi imediatamente chamado para ressuscitar Ceuci, mas nada fez, pois não podia abrir precedentes em suas leis. Jurupari então diz: "Morreste mãe, porque desobedeceste à lei de Tupã. É a lei que eu vivo a ensinar. Não vou te ressuscitar, mas te recomendo: Sobe, bela, raidante e pura para um mundo melhor. Cumpriste a verdadeira missão de mãe, que é cheia de amor, renúncia, desenganos e sofrimento. Meu pai vai recebê-la de braços abertos lá no céu".

O corpo da deusa, então, cheio de luminosidade, começou a subir. Ele atravessou o espaço e transformou-se na estrela mais resplandecente da constelação das Plêiades. Ela permanece lá até hoje, para lembrar aos selvagens o respeito às leis de Jurupari, o Filho do Sol.

Filho e embaixador do Sol, Senhor dos Segredos, Reformador, Legislador, o Jurupari, Deus mais cultuado pelos índios brasileiros (não só os de língua tupi) até começar o domínio português. Parece ser originário do povo aruaque, que habitava boa parte do norte da América do Sul. Era um rapaz forte e bonito. Foi eleito tuxaua (chefe) e assim acabou com o poder das mulheres, que até então governavam a sua nação.

Seriam as Amazonas?

Depois de vencer as mulheres, Jurupari criou doutrinas e rituais para os homens, inclusive ritos de iniciação masculina, que exigem – entre outras coisas – jejum e provas de resistência à dor. As mulheres não podem ver os rituais masculinos. Se os virem, morrem.

Os intermediários entre o Jurupari e os índios são os pajés. Ele é evocado ao som de maracás e trombetas, com danças.

Mas tem algo que pode representar sua figura: os maracás usados pelos pajés nas cerimônias relacionadas. O maracá – palavra que significa “cabeça falsa” – é feito com uma cabaça do tamanho de uma cabeça humana, com orelhas, cabelos, olhos, nariz, e um pequeno cabo para segurar. Colocam dentro dele folhas secas e fumo queimando, e assim o maracá solta fumaça pelos olhos, boca e nariz, enquanto os pajés, o chacoalham dançando, em transe, tendo visões e fazendo previsões e revelações. Por isso, o maracá – que era às vezes um instrumento sagrado, que só os pajés podiam pegar – era identificado com o Jurupari.

Tupã era o nome que os guaranis davam ao trovão. Para os tupis, era Tupana. Mas era só um trovão, nada mais. E ele foi promovido a Deus único e verdadeiro. Tupã se tornou uma versão adaptada do Deus hebraico, assimilado pelos cristãos. Hoje, está embutido nas mentes da maioria das pessoas que Tupã era um Deus que já existia antes, e que Jurupari é o diabo. Até na Amazônia, principal reduto do Jurupari, a maioria dos não-índios e dos índios aculturados pensa assim. Mas há exceções.

Esta última corresponde aos seus rituais cheios de segredos. Em Águas Belas (PE), há um povo que, ao que tudo indica, cultua Jurupari. São os Fulniô, de língua gê, que têm uma aldeia sagrada, num lugar a que só eles têm acesso, onde passam catorze semanas (a partir de agosto) num ritual chamado Ouricuri, e as mulheres ficam em áreas separadas dos homens. E ninguém conta o que acontece lá. Só pode ser coisa do Jurupari...





Boi Garantido - Jurupari

**Jurupari legislador
Jurupari sopra o rito ancestral**

**Arandi Piron, Arandi Piron, Canaroarro
Arandi Piron, Arandi Piron, Canaroarro
Baniwa, Baré, Uerequina, Bará, Tariana
Celebram o grande ritual**

**Pajé transcende em sono profundo
Ayahuasca!
Pajé no sopro das flautas da iniciação**

**No transe das máscaras sagradas
Recebe as leis de Jurupari
Com a força ao bater dos corações
Pajelança ao grande Tupã**

**Bebe o sumo do mariri
Incorpora o espírito lampericuli
Jurupari Uakti
Jurupari Uakti**

**Inicia o índio curumim
A caminhar sobre a terra
Com o poder da boiúna
Conhecimento e equilíbrio espiritual
Sob o panteão dos deuses pronto para receber
Os ensinamentos para a vida tribal**

**Jurupari, Jurupari
Entrega nas mãos do xamã
Ô, grande xamã
Poderoso xamã
Os mandamentos do clã**

Composição: Demetrius Haidos / Geandro Matos



Boi Caprichoso - Terror Das Noites JURUPARI

**É noite
Repousam brisas estranhas
Te deitas que tão logo ele irá
Surgir
Nos sonhos
Nos ares, nos encaixos dos teus tormentos
Teu medo o trairá
Teu pesadelo irá te seguir**

Fechastes teus olhos e agora como irás sair?

**Paredes de ossos te cercam
Nefastos seres te observam
Querem tua alma pobre, condenada
Pelas sombras de Jurupari
Paredes de ossos te cercam
Nefastos seres te observam
No fogo que arde no onírico abismo
Ele irá te perseguir
Fechastes teus olhos e agora como irás sair?**

**Na areia dos sonhos
É o medo, é o açoite
É o terror das noites
Que cala!**

Composição: Ronaldo Jr.